A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NUMA ESCOLA INCLUSIVA: APOIO INDIVIDUALIZADO VERSUS APOIO ESPECIALIZADO

ONTEM POR REDAÇÃO TERRA NOSTRA

Artigo de Opinião de António Oliveira

É sempre controversa a temática sobre o apoio aos alunos com NEE. Indiferentemente do resultado destas questões (por quem, quando e onde?), um ensino competente, sistemático e estruturado prestado pelos professores do ensino regular ou da Educação Especial, são aspetos imprescindíveis no sucesso das interações destes alunos na classe (Steele, 2003).

Para Sanches (1996), os alunos não devem ter mais de dois apoios diferenciados na escola, já que, para além das questões de ordem académica, os alunos devem ter tempo para desenvolver aptidões relativas à socialização, quer através do convívio com outros alunos, quer no recurso a espaços escolares ligados ao lazer (biblioteca, bar, associações estudantis, etc).

No caso do apoio individualizado aos alunos prestado pelo professor da turma este permite, segundo Sanches (1996):

- melhorar o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem dos alunos e definir com maior objetividade a intervenção educativa;
- adequar a motivação inicial aos conhecimentos e interesses dos alunos, para que estes aumentem os seus níveis de atividade e participação;
- tornar o acompanhamento individualizado da aprendizagem dos alunos mais eficaz, o que poderá contribuir para uma superação mais acelerada das suas dificuldades;
- intervir na adoção e regularidade da prática de hábitos de estudo e organização do trabalho/registos de aula dos alunos;
- facilitar a relação pedagógica com o professor, da qual resultará uma maior apetência ou gosto pelas várias áreas curriculares/disciplinas, bem como o aumento da autoestima dos alunos no que respeita às suas capacidades intelectuais.

Quanto ao apoio especializado em sala de aula, Rose (2003) refere que os professores de Educação Especial podem ser um recurso valioso no acesso dos alunos com NEE ao currículo escolar, à melhoria da confiança na sua própria aprendizagem e, por consequência, à sua inclusão nas classes regulares. Porém, alerta-nos para a possibilidade do apoio especializado, quando não é devidamente planificado, tendo em conta os momentos da intervenção junto dos alunos com NEE, os conteúdos curriculares a desenvolver e os objetivos educacionais a atingir, poder constituir uma forma de manter o isolamento dos alunos face ao professor da turma e funcionar como um fator de exclusão, já que o aluno passa a depender, quase exclusivamente do apoio do docente de Educação Especial e o professor da turma desresponsabiliza-se da educação do aluno com NEE.

Relativamente ao apoio da Educação Especial, Jimenez (1997) destaca que o apoio aos alunos com NEE deve ocorrer na sala de aula e, excecionalmente, fora dela, sempre que a especificidade da intervenção especializada o justifique e a sala de aula regular não disponha das condições ou equipamentos adequados. Para além do apoio prestado aos

alunos com NEE na sala de aula, o trabalho colaborativo entre o professor do ensino regular e o professor de Educação Especial, como temos vindo a referir, tem demonstrado ser mais eficaz na inclusão de todos os alunos, com ou sem dificuldades de aprendizagem. O trabalho conjunto entre estes professores deve incluir momentos de programação dos conteúdos programáticos, das adaptações curriculares necessárias e da avaliação das aprendizagens dos alunos com NEE. A troca de conhecimentos e experiências profissionais é outro dos aspetos resultantes da cultura de cooperação que valorizará a ação pedagógica de ambos.

Contrariamente à posição de Jimenez (1997), Rief e Heimburge (2000) defendem que não é o local que condiciona a aprendizagem do aluno com NEE, mas sim o tipo e qualidade da intervenção educativa prestada. Por isso, baseando-se no programa escolar que desenvolveram em algumas escolas americanas, as crianças com NEE são apoiadas alternadamente, tanto pelos professores do ensino regular, como da Educação Especial, em sala de aula regular ou à parte em sala de apoio, o que tem demonstrado bons resultados no desempenho escolar e equilíbrio emocional/comportamental destes alunos.

A chave do sucesso das salas de aula inclusivas está na relação de comunicação e sentido de equipa entre os docentes do ensino regular e da Educação Especial.

Referências bibliográficas:

JIMÉNEZ, R.(1999). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Dinalivro.

RIEF, S. e HEIMBURGE, J. (2000). Como ensinar todos aos alunos na sala de aula inclusiva: Estratégias prontas a usar, lições e atividades concebidas para ensinar alunos com necessidades de aprendizagem diversas. Porto: Porto Editora.

ROSE, R. (2003). O currículo: Um veículo para a inclusão ou uma alavanca para a exclusão? In C.Tilstone, L.Florian e R.Rose, Promover a Educação Inclusiva. Lisboa:Instituto Piaget.

SANCHES, I. (1996). Necessidades Educativas Especiais e Apoios e Complementos Educativos no quotidiano do professor. Porto: Porto Editora.

STEELE, J. (2003). Caminhos para a Inclusão. In C.Tilstone, L.Florian e R.Rose, Promover a Educação Inclusiva. Lisboa: Instituto Piaget.

In: Jornal "Terra Nostra"(online) de 20-07-2015